

TRANSMITINDO A CULTURA: ENSAIO ETNOGRÁFICO EM UMA COMUNIDADE DA ILHA DO COMBÚ/PA

Thainá Guedelha Nunes¹

Dra. Lourdes Gonçalves Furtado²

Dra. Denise Machado Cardoso³

RESUMO

Na Amazônia há a presença de dois espaços culturais distintos, a cultura urbana e a cultura rural. O ribeirinho se encaixa na cultura rural, que tem como principal característica, de acordo com Texeira (2008), a profunda relação do homem com a natureza no seu cotidiano. Neste trabalho foram estudados alguns aspectos do cotidiano da comunidade do Igarapé do Combú, localizada na Ilha do Combú no estado do Pará, no que diz respeito às relações sociais comunitárias e com o meio ambiente. As relações sociais cotidianas envolvem a transmissão de valores, saberes hábitos, padrões de comportamento, através das vivências e da educação das crianças, formando, assim, novos sujeitos da cultura local. Nesse sentido a educação familiar é muito importante por ser o início dessa interação social, onde se começa a aprender como agir e interagir no meio social em que vive, ou seja, é o primeiro, e mais importante, meio de socialização dos indivíduos da comunidade do Igarapé do Combú, estabelecendo uma ponte para a relação social com a comunidade e a sociedade.

Palavras-chave: Ilha do Combu; homem e meio ambiente; ensaio etnográfico; Transmissão Geracional.

INTRODUÇÃO

A Ilha do Combú faz parte da área insular do município de Belém, situada entre o Rio Guamá e a Baía de Guajará (figura 1), sendo circundada também pelos furos do Benedito e da Paciência, e entrecortada pelos Igarapés Combú, Periquitaquara, Tapera e Traquateua. A ilha tem uma área de 15 km², estando a 1,5 km da zona urbana de Belém, como pode ser visualizado na figura 01, sendo a quarta maior ilha do município dentre as 39 ilhas catalogadas das áreas insulares que formam o entorno do município, De acordo com João Dergan (2006) e Sônia Texeira & José Alves (2008).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/UFPA

² Museu Paraense Emílio Goeldi e PPGSA/UFPA

³ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/UFPA



Figura 1. Foto da Ilha do Combú

Fonte: Google mapas. 2013.

A escolha da Comunidade do Igarapé do Combú ocorreu pela sua característica peculiar que é a proximidade de uma realidade ribeirinha com a área urbana de Belém, assim como a viabilidade de acesso a comunidade pela proximidade e através de uma professora colaboradora do Grupo RENAS que frequenta a comunidade Igarapé do Combú mantendo contato com os moradores da mesma.

Desde agosto de 2010 venho desenvolvendo pesquisas na comunidade no âmbito do *Grupo de Pesquisa Estudos de Populações Tradicionais Haliêuticas (EPHal-RENAS)* vinculada aos projetos “Populações Tradicionais Haliêuticas- Impactos Antrópicos, Uso e Gestão da Biodiversidade em Comunidades Ribeirinhas e Costeiras da Amazônia Brasileira (RENAS)” e “Água, Saúde e Qualidade de vida em Territórios de Reservas Extrativistas Marinhas do Litoral do Estado do Pará Região do Nordeste Paraense” da Coordenação de Ciências Humanas e orientada pela D. Sc. Lourdes Gonçalves Furtado, através da bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

Este trabalho trata sobre as relações sociais cotidianas que envolvem a transmissão de valores, saberes hábitos, padrões de comportamento, através das vivencias e da educação das crianças, formando, assim, novos sujeitos da cultura local. Nesse sentido a educação familiar é muito importante por ser o início dessa interação social, onde se começa a aprender como agir e interagir no meio social em que vive. Vislumbrou-se que, apesar da proximidade entre os meios urbano e rural, entre a Ilha do

Combú e o centro urbano de Belém, a cultura ribeirinha ainda persiste até os dias atuais, bem como a importância de sua relação com o meio ambiente que os cerca.

Esta parte da pesquisa teve como foco a educação familiar no âmbito do modo de viver ribeirinho, buscando constatar o processo de reafirmações da cultura ribeirinha do Combú ao longo das gerações, através das vivências cotidianas com os membros da sua comunidade, os ensinamentos dos pais e/ou avós, ou seja, das gerações anteriores, consciente e inconscientemente, fora do ambiente escolar, ressaltando-se as mudanças que podem ter ocorrido na transmissão de uma geração para a outra, garantindo sua continuidade.

Foi feita uma seleção bibliográfica sobre o tema, bem como sobre estudos já realizados na Ilha do Combú, sendo realizado o trabalho de campo na comunidade do Igarapé do Combú, fazendo uso do método observacional e coleta de dados através de entrevistas formais e informais e registros fotográficos, com a autorização dos participantes da pesquisa, tendo o “olhar e o ouvir” como primeira etapa “enquanto o escrever seria parte da segunda etapa”, como aponta Cadoso de Oliveira (1998). A amostragem dos moradores da comunidade a participarem foi aleatória, de acordo com a disponibilidade de participação das mesmas, levando em consideração, também, os relatos das crianças e jovens ribeirinhos, compreendendo que as “crianças também são produtoras de dados” (DELGADO; MÜLLER. 2005, pg. 355), e seus pais/responsáveis.

A COMUNIDADE IGARAPÉ DO COMBÚ

Emprego aqui o termo comunidade para se referir localmente a um determinado grupo social que reside no “interior” de um mesmo local/sítio. A comunidade do Igarapé do Combú, por exemplo, tem como referência o Rio Combú, um dos igarapés que corta a ilha, com as habitações dispostas linearmente ao longo das suas margens. Essa referência é utilizada empiricamente pela população para designar quem é ou não pertencente a esta comunidade, ou seja, como referência de identidade, ou de pertença ao lugar⁴.

⁴ Este fato pode ser constatado a partir da fala de uma das mulheres que estavam na varanda conversando com outras mães enquanto cuidavam das crianças umas das outras que brincavam juntas. Quando questionada se era residente da comunidade logo respondeu que não, que estava somente visitando o lugar, pois sua casa se encontrava às margens do Rio Guamá, então era considerada pertencente à comunidade Beira do Rio Guamá.

Ao longo do trajeto pelo Rio Combú (figura 2) se encontram vários agrupamentos, entre três e quatro casas, uma do lado da outra, intercaladas com espaços preenchidos pela mata. De acordo com um dos moradores isso acontece por serem todos da mesma família, ou seja, quando um integrante da casa decide constituir sua própria família é construída uma casa para o novo casal ao lado da casa dos pais, normalmente do marido. A cada união familiar aumenta a quantidade de casas em um mesmo terreno, quando não decidem ir morar para Belém.



Fotografia 2: Entrada da comunidade do Igarapé do Combú - Rio Combú.

Fonte: Acervo pessoal de Thainá Nunes. 2010.

Algumas das atividades econômicas dos moradores da comunidade que foram identificadas são: a pesca, o aluguel de embarcações, comércio através de bar/restaurante, transporte de professores e extração de frutas, etc. A extração de polpa de frutas envolve o cacau (*Theobroma cacao*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), o buriti ou miriti (*Mauritia flexuosa*), o ingá (*Ínga edulis Mart*), o taperebá (*Spondias lutea Linn*), a manga (*Mangifera indica*), o caju (*Anacardium occidentale*), a pupunha (*Bactris gasipaes*) e o mais característico é a extração do açaí (*Euterpe oleracea*), fruta abundante na ilha e parte fundamental da cultura belenense.

Uma peculiaridade da Ilha do Combú é o fato de apresentar esses dois espaços culturais bem próximos, um de frente para o outro, havendo uma transição diária entre eles. Os ribeirinhos da comunidade estudada frequentam a zona urbana para a venda dos

recursos extraídos na ilha, frequentar aulas, transportar turistas, fazer compras, etc. E os moradores da zona urbana de Belém frequentam a ilha principalmente para o lazer nos restaurantes, sendo que algumas vezes projetos de extensão e/ou pesquisa são feitos na ilha.

A TRANSMISSÃO GERACIONAL DA CULTURA RIBEIRINHA LOCAL

Para descrição e análise da transmissão geracional na comunidade Igarapé do Combú começemos com algumas considerações acerca do termo *família* levantadas nessa pesquisa. Primeiramente, levemos em consideração o fato de a família ser o nosso primeiro contato com a sociedade, pois desde o nascimento de uma criança os pais são os que estão em contato cotidiano, cuidando e ensinando o novo membro da comunidade, sendo importante no desenvolvimento humano.

No ambiente familiar há dois tipos de relações que permeiam sua vivência, a intergeracional e a transgeracional, a primeira é o contato entre gerações diferentes, como por exemplo, pai e filho(a), avó e neto(a) (figura 3). A segunda é a interação entre pessoas da mesma geração, como pode ser visto entre irmãos ou primos, cada tipo com suas particularidades e sua importância. Para termos uma noção de definição de família temos Prado:

“A palavra FAMÍLIA, no sentido popular e nos dicionários, significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção.”
(PRADO, 1981, p. 7)



Figura 3. Três gerações interagindo no trapiche

Fonte: acervo pessoal de Thainá Nunes, 2011.

De maneira geral temos em primeiro lugar a família nuclear que consiste em pai, mãe e filho(s), os primeiros gerenciando a casa e a vida do último até sua emancipação, ao tempo que posteriormente este forme a sua própria família. A relação entre as famílias nucleares de uma família é diferente de acordo com os costumes de cada local, sendo que na comunidade Igarapé do Combú esses relações são muito próximas⁵.

Essa relação próxima entre as famílias, não somente as de ligação sanguínea, mas também as da vizinhança na comunidade, se expressa no fato de visitas entre as mesmas, pelo menos aos fins de semana, muitas vezes apenas para conversar na varanda, no caso dos homens é comum visitas para conversar e beber. Algumas vezes a visita é mais “caprichada” com um churrasco de domingo para almoçar em família.

A educação familiar pode ser considerada como não formal por ocorrer fora da escola, porém não é por esse motivo que ela é menos importante. Antes de ir para o ambiente escolar, onde se aprofundará a relação social com o mundo, recebemos a educação de nossos familiares, que nos ensinam a andar, falar e agir conforme costumes que cada família o tem. Considerando então que “a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas não ainda amadurecidas para a vida social” (DURKHEIM. 1978, p. 10).

É nas relações sociais cotidianas familiar e comunitária que iniciamos nossa inserção na sociedade, iniciamos a construção da nossa identidade e discernir o que é certo do errado, tendo a educação o objetivo de “suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança particularmente se destine” (DURKHEIM. 1978, pg. 10), como por exemplo quando os mais velhos ensinam desde cedo a nadar no rio, andar de canoa ou subir no açaizeiro na comunidade do Igarapé do Combú.

Na educação familiar é onde nossos corpos iniciam a ser moldados para a sociedade que nos espera, e pela forte ligação emocional com os entes é a que mais fica

⁵ Como relata um morador da comunidade, que a maioria dos filhos de um casal ao casarem constroem a casa da sua própria família ao lado da dos pais (como já foi comentado anteriormente), mantendo uma estreita ligação entre elas.

marcado na vida de alguém. Pode se dizer então que “a família como toda instituição social, apesar dos conflitos é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal” (PRADO, 1981, p. 09).

Resumindo, é no ambiente familiar que se tem o primeiro contato com a cultura local em que se vive, desde a maneira de falar, de se vestir, de comer, de pensar até os valores, normas morais e etc., onde se aprende a reproduzir os costumes locais e mudá-los com o passar das gerações, ou seja, “a educação é a socialização da criança” (DURKHEIM. 1978, pg. 10)⁶.

No processo de transmissão dos costumes vale ressaltar um importante participante: a criança/adolescente. Essa nova geração é que vai garantir a continuidade dos costumes local, por isso a disseminação da idéia de sinônimo entre criança e futuro. Ou seja, para haver a transmissão geracional é necessário haver a educação e “para que haja educação, faz-se mister que haja, em face de uma geração de adultos, uma geração de indivíduos jovens, crianças e adolescentes (...)” (DURKHEIM. 1978, pg. 38).

A transmissão geracional da cultura local, no contexto familiar do Combú, acontece tanto conscientemente quanto inconscientemente. O primeiro pode ser visto através de alguns aspectos como a) regras estabelecidas pelos mais velhos; b) as etapas de aprendizagem do trabalho exercido pelos pais e c) ações de conscientização sobre algo específico decidido pelos mais velhos. A saber mais detalhadamente:

- A) Esse aspecto basicamente consiste nas “normas da casa” que devem ser seguidas pelas crianças/adolescentes tais como a hora de dormir, hora das refeições, cuidados na hora de brincar, hora de estudar, etc. Com a finalidade de ensinar os mais novos a organizar seus afazeres do dia a dia.
- B) Evidencia-se quando os pais dedicam um tempo para ensinar seus filhos a ajudar nas tarefas da família como cozinhar, lavar louça, lavar roupa, arrumar a casa, nas atividades de subsistência e renda pra família como a pesca e a coleta de frutos no caso do Igarapé do Combú.
- C) Neste ponto específico verificou-se que, através do Conselho Comunitário onde são debatidos assuntos pertinentes a Ilha e os debates na Unidade Pedagógica da

⁶ Alguns exemplos com relação a comunidade pode ser visto na página 26, onde detalho um pouco os processos da educação familiar.

comunidade, quando é decidido algum fato importante para a ilha são feitas ações para que esse fato se divulgue e se propague para a comunidade, como, por exemplo, a preocupação com a poluição do rio como foi visto nas placas educativas distribuídas pela comunidade.

No segundo caso os aspectos levantados nas idas a campo foram: d) observação/convivência das crianças em relação aos adultos e a comunidade de maneira geral; e) as brincadeiras das crianças e f) contato com especificidades da realidade da geração mais nova. A seguir tem-se os detalhamentos de tais aspectos.

- D) A aprendizagem também acontece de maneira indireta. As crianças ao observarem o comportamento dos adultos na comunidade elas absorvem e reproduzem nas suas ações entre si e com os adultos também haja vista que as crianças da Ilha do Combú “participam de todos os momentos da vida da comunidade, no trabalho, em casa, no lazer e nas atividades religiosas” (TEIXEIRA; ALVES. 2008, pg. 379).
- E) As brincadeiras refletem muito as atividades desenvolvidas pelos adultos como, por exemplo, pode ser visto no estudo de Teixeira e Alves (2008) que em grande maior parte das brincadeiras de “faz-de-conta” os temas eram as atividades domésticas, de médico, coletor e vendedor de açaí, pescador, barqueiro e de construtor de casa e de embarcações. Também tem as brincadeiras como nadar no rio, correr na mata, passear de canoa, praticamente todas relacionadas a sua realidade ribeirinha.
- F) A cada geração o tempo e espaço mudam e novos aspectos são inseridos na realidade da comunidade, como por exemplo, o maior contato com a zona urbana de Belém fez com que o gosto musical recaía, aparentemente, no tecnobrega, acesso a energia elétrica recentemente e o turismo na ilha, basicamente está relacionado com a modernização e a proximidade com a zona urbana de Belém. Garcia et al. (2007) ressalta dois fatores da alteração cultural, sendo eles “a influência dos condicionantes históricos e sociais que fazem parte do tempo/espaço vivenciado por essas gerações” e “a rejeição do modelo familiar de origem e a busca de novos padrões” (pg. 95).

A cultura ribeirinha transparece nas práticas ou nos “fazeres” do dia-a-dia. Os moradores da Ilha do Combú mantêm assim, as tradições culturais principalmente na alimentação, nas atividades de casa, na confecção de materiais utilizados em suas atividades econômicas, no lazer, dentre outras coisas. Na vida cotidiana ribeirinha é salutar observar todos os seus aspectos, sua individualidade, sua personalidade, as ações sobre os objetos que se encontram ao seu redor para seu uso e benefício, através do processo de reprodução, para sua efetivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbrou-se que os afazeres do cotidiano, desde as tarefas de casa até as atividades econômicas, são os elementos que fundamentarão o modo de viver ribeirinho dessa comunidade do estuário do Rio Guamá, e nessas atividades o modo como são feitas e as relações sociais envolvidas nas mesmas demonstra sua cultura.

Apesar dessa interferência da proximidade com Belém, muito do cotidiano tradicional foi mantido mesmo que modificado. Nesse sentido, se podem ressaltar que as atividades desenvolvidas pelos ribeirinhos passam a formar hábitos, costumes, valores, crença, ou seja, o modo de viver dos moradores da ilha e através deles conseguem escrever sua história de vida.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. (1973), “**Socialização: como ser um membro da sociedade**”. In: FORACCI, Marialice M. & SOUZA MARTINS, José (orgs.). Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. São Paulo/Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, pp. 200-214.

DERGAN, João Marcelo Barbosa. **História, memória e natureza: as comunidades da Ilha do Combú-Belém-PA.** Dissertação. Disponível em: <http://www.ufpa.br/pphist/images/dissertacoes/2006_Joao_Marcelo.pdf>. Acessado em 15 de janeiro de 2011.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia: com um estudo da obra de Durkheim**, pelo prof. Paul Fauconnet. 11 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. **Comunidades tradicionais: sobrevivência e preservação ambiental**. In: D'INCAO, M. A & SILVEIRA I. M. (Orgs.) *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: MPEG. 1994, p. 67-74

GARCIA, Narjara Mendes et al. **Educando meninos e meninas: Transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar**. Psicologia da educação, São Paulo, n. 25, dezembro de 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752007000200006&script=sci_arttext

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios da antropologia interpretativa**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 366 p

JARDIM, Mário Augusto Gonçalves (Org.). **Diversidade biológica das áreas de proteção ambiental: Ilhas do Combu e Algodoal-Maiandeua - Pará, Brasil**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2009. 457 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009. 117 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. “**O trabalho do Antropólogo: o olhar, o ouvir e o escrever**”. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP/Brasilia: Paralelo 15, 1998. PP. 17-36.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 92 p.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos; ALVES, José Moysés. O contexto das brincadeiras das crianças ribeirinhas da Ilha do Combú. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, 2008 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a05.pdf>>.